

ARQUITETURA DA GRAMÁTICA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ABORDAGEM DOS MODELOS MULTIREPRESENTACIONAIS¹

Christina Abreu Gomes²

RESUMO: As questões teóricas relacionadas à variabilidade intralinguística e interlinguística sempre foram observadas nos diversos modelos teóricos da Linguística Moderna, tendo sido resolvidas de maneiras diversas nesses modelos. É objetivo deste trabalho discutir o status teórico da questão da heterogeneidade linguística traduzida na noção de variação sociolinguística, conforme postulada em Weinreich, Labov e Herzog (1968) e relacioná-la com a proposição de uma arquitetura de gramática como a dos Modelos Multirrepresentacionais ou Modelos baseados no Uso, que confere à variação um status representacional na modelagem da gramática. O objetivo é resgatar a importância da variação socialmente estruturada para o entendimento da natureza da linguagem, a partir das contribuições dos estudos sobre a dinâmica da estrutura linguística nas estruturas sociais das comunidades em que se organizam os falantes.

PALAVRAS-CHAVE: variação; sociolinguística; gramática; Modelos baseados no Uso.

ABSTRACT: Theoretical issues related to intra- and inter-language variation have always been addressed in theoretical models of Modern Linguistics, which were solved in different ways among the different models. The aim of this paper is to discuss the theoretical status of the concept of linguistic heterogeneity translated in the notion of sociolinguistic variation, as postulated in Weinreich, Labov and Herzog (1968) and to relate it to the proposition of a grammar as stated in Multirepresentational Models or Usage-based Models, which gives to language variation a representational status in the modeling of grammar. The goal is to rescuing the importance of socially structured variation for the understanding of the nature of language from the contributions of the studies on the dynamics of linguistic structure in the social structure of the communities in which the speakers are organized.

KEYWORDS: variation, sociolinguistics; grammar; Usage-based Models.

¹ Esse artigo se baseia em trabalho apresentado na Abralín em Cena, Aracaju, de 30 de Outubro a 1 de Novembro de 2012, integrante da Mesa Redonda “Interfaces Teóricas com a Sociolinguística”, coordenada pela professora Raquel Meister Ko Freitag (UFS) e composta por mim e pelas professoras Cristine Görski Severo (UFSC) e Maria Alice Tavares (UFRN).

² Professor Associado 3 do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ, Pesquisadora do CNPq, Doutora em Linguística, UFRJ (1966). e-mail: christina-gomes@uol.com.br.

1. Introdução

As questões relacionadas à variabilidade intralinguística e interlinguística sempre foram observadas nos diversos modelos teóricos da Linguística Moderna, tendo sido equacionadas de maneiras diferentes nesses modelos. É objetivo deste trabalho discutir o status teórico da questão da heterogeneidade linguística traduzida na noção de variação sociolinguística, conforme postulada em Weinreich, Labov e Herzog (1968), a partir de uma arquitetura de gramática como a dos Modelos Multirrepresentacionais ou Modelos baseados no Uso (Pierrehumbert, 1999, 2003, Bybee, 2001, 2010), que conferem à variação um status representacional na modelagem da gramática.

Uma questão que se coloca é se o programa de pesquisa sobre a mudança linguística apresentado em Weinreich, Labov e Herzog (1968), e posteriormente desenvolvido nos inúmeros trabalhos de Labov e seus seguidores, constitui uma teoria, isto é, tem status de uma proposição teórica, ou é uma metodologia de pesquisa. É nosso objetivo apresentar a posição que identifica o conceito de heterogeneidade estruturada como uma proposição teórica relacionada a uma hipótese de gramática e discutir as consequências dessa proposição para a teoria linguística a partir da perspectiva adotada pelos Modelos baseados no Uso.

Em um primeiro momento, apresentamos as principais formulações teóricas em torno da noção de variação de Labov, em seguida apresentamos um panorama da relação entre variação no uso e modelagem teórica nas principais correntes da linguística, seguida da discussão em torno da posição de Labov (2006) e as postulações dos modelos multirrepresentacionais e, finalmente, apresentamos nossas considerações finais.

2. A proposição laboviana

A sociolinguística variacionista lançou um conjunto de pressupostos teóricos que romperam com diversas premissas correntes na linguística, como a correlação entre homogeneidade/estrutura e homogeneidade/sincronia, através da postulação de que a condição normal de uma comunidade de fala é a heterogeneidade e de que essa heterogeneidade é estruturada (cf. Weinreich, Labov, Herzog, 1968; Labov 1972, 1994), isto é, não pode ser atribuída apenas a idiosincrasias dos diversos falantes resultantes do uso linguístico. O caráter

heterogêneo da comunidade de fala aparece no fato de que existem maneiras alternativas, semanticamente equivalentes, de se dizer a mesma coisa. O reconhecimento da dinamicidade da língua deu um novo status à mudança linguística, circunscrita durante muito tempo à linguística histórica e entendida como um fato concluído, não observável, sendo acessível somente através de seus resultados (Hockett, 1958:444-445). A mudança linguística ocupa papel central na teoria porque é parte constitutiva das línguas, é um processo que pode ser identificado sincronicamente. Mudança implica a coexistência de formas antigas e formas novas, portanto, mudança implica variação, mudança é variação, embora nem toda variação seja um processo de mudança.

Assim, outra concepção de gramática foi estabelecida nos anos sessenta, segundo a qual o conhecimento linguístico abstrato contém heterogeneidades, isto é, a gramática não é invariável e este sistema abstrato não é autônomo, isto é, contém aspectos que se relacionam com as condições de produção e com características sociais dos usuários.

Um aspecto que tem sido questionado é o estabelecimento das hipóteses de trabalho. Alguns trabalhos têm questionado que a seleção dos fatores internos que condicionam uma determinada variação não está relacionada a uma hipótese gramatical mais geral e que esses fatores são de natureza diversa e que extrapolam o fenômeno estudado. Esse, digamos, equívoco, se é que ele ocorre em alguns trabalhos, não pode ser atribuído necessariamente ao modelo que, já no texto de 1968, *Empirical Foundations of a Theory of Language Change* (Weinreich, Labov e Herzog, 1968), levanta as questões que uma teoria sobre mudança deve resolver, ou seja, que problemas devem ser abordados no estudo de um fenômeno variável. O seguinte trecho, extraído do texto anteriormente referido, esclarece o tipo de diálogo necessário com as correntes que trabalham diretamente com a estrutura:

(1) "In relation to language change, each refinement in the theory of language structure (and the same could be said about refinements in the theory of speech communities) had the following potential effects:
(a) a *reclassification* of observed changes according to new principles;
(b) proposal of fresh *constraints* on change; and
(c) proposal of new *causes* of change". (Weinreich, Labov & Herzog, 1968:126)

É importante frisar que o conceito de “regra variável” foi expresso dentro do modelo da gerativa transformacional como uma proposição alternativa à ideia de regra opcional e como questionamento da postulação da gramática como autônoma. Conforme observa Walker (2012:397), os primeiros estudos de variação fonológica foram desenvolvidos dentro do quadro de referência da fonologia gerativo-transformacional proposta por Chomsky e Halle (1968) através do acréscimo de um componente probabilístico na especificação da regra. Desde então, os modelos teóricos se desenvolveram para outros caminhos além das regras, e nem a teoria fonológica e nem a teoria sintática incorporaram a ideia de heterogeneidade estruturada. Por outro lado, os estudos de variação e mudança de base laboviana procuraram diálogos diversos com as teorias de estrutura, e assim se desenvolveram diferentes abordagens da variação tanto fonológica quanto sintática dentro de diferentes quadros teóricos como o de Princípios e Parâmetros (Kroch, 1994, Roberts e Kato, 1993, Tarallo, 1987, Duarte, 2001, Coelho et al. 2008, Cavalcanti, 2011), Teoria da Otimidade (Antilla, 1997, 2002, Collischonn, 2000, da Hora & Pedrosa, 2007), Fonologia Lexical (Bisol, 2009) e Modelos Multirrepresentacionais (Gomes e Gonçalves, 2010, Melo, 2012, Guimarães, 2004).

A proposição teórica da heterogeneidade estruturada procura dar conta dos processos de mudança das línguas através de uma metodologia específica de coleta de dados em situações reais de uso e de uma análise que procura correlacionar fatores externos e internos no condicionamento dos fenômenos variáveis. Não se trata de uma teoria sobre a estrutura linguística ou de seus diferentes níveis, mas sim da natureza do funcionamento dessa estrutura dentro da perspectiva da mudança. Sendo assim, não pode prescindir das informações oriundas das diferentes correntes que trabalham eminentemente com estrutura, conforme foi enfatizado no trecho transcrito em (1). Uma das contribuições relevantes do modelo é oferecer fundamentação teórica e, ao mesmo tempo, uma metodologia que possibilitem estudar um processo de mudança no tempo aparente, isto é, sincronicamente. Segundo Chambers (1995:147), o estudo da mudança em progresso é a contribuição mais marcante da linguística contemporânea.

A metodologia proposta, que vai desde a coleta de dados, passando pela quantificação e correlação de fatores estruturais e sociais, tem como objetivo responder questões teóricas determinadas. Os procedimentos metodológicos receberam destaque especial no âmbito do modelo, pois são a contraparte da

fundamentação teórica. É através de determinados procedimentos de coleta de dados e de análise que poderemos chegar a responder a questões sobre o funcionamento da linguagem humana em situações reais de uso para explicar a mudança linguística.

Uma das questões centrais da metodologia variacionista consiste no desenvolvimento de modelos matemáticos capazes de dar conta da variabilidade observada, associando pesos relativos ou probabilidades aos diversos fatores de cada grupo de fatores ou variável independente, estabelecidos a partir das hipóteses levantadas para o fenômeno. O objetivo é medir a influência de cada um desses fatores isoladamente sobre as variantes de um determinado fenômeno, pois, segundo Labov, os fatores devem apresentar um peso fixo, independentemente do contexto em que ocorrem. Portanto, não se pode confundir ferramenta estatística para se lidar com uma grande massa de dados com a concepção teórica de heterogeneidade estruturada. A quantificação e checagem estatística através do modelo de regressão logística são decorrentes da necessidade de se checar a validade das correlações entre distribuição dos dados e hipóteses de funcionamento da gramática traduzidas nas variáveis independentes de ordem linguística (fatores internos) e social (fatores externos) que conferem sistematicidade à variação. O objetivo único da modelagem estatística é fornecer as condições de checagem da rejeição ou não da hipótese nula, isto é, ausência ou não de relação entre variável dependente e variáveis independentes como em qualquer estudo linguístico que procura generalizações em uma massa de dados representativa de um conjunto de falantes. Assim a análise qualitativa sociolinguística se baseia em um instrumental quantitativo proporcionado por uma ferramenta estatística, mas que só pode ser bem sucedida se for precedida de hipóteses linguísticas que fundamentem a escolha das variáveis independentes.

3. Variabilidade no uso e concepção de gramática

Conforme explicitamos na seção anterior, interessa à pesquisa sociolinguística a descrição e explicação dos fenômenos linguísticos a partir de dados produzidos em situações concretas de uso. Muitos têm sido os caminhos trilhados pelos sociolinguistas na busca de parâmetros que melhor enquadrem as variações observadas. Em função dessa característica da pesquisa variacionista, de trabalhar com dados da realidade, Scherre (1996:41) considera que a Teoria da

Variação de base laboviana se enquadra melhor na abordagem funcionalista. A autora propõe que se considere a posição de Du Bois (1985, apud Scherre, 1996), denominada “funcionalismo moderado”, que reconhece “a existência de forças internas e externas atuando sobre a língua”, sendo esta definida como um sistema adaptativo, “cujo funcionamento é regido por forças internas em competição, por forças externas igualmente em competição e forças internas e externas em competição entre si, que, mais cedo ou mais tarde, caminham para uma resolução” (Scherre, op. cit., p.42).

No entanto, a questão da variabilidade observada nos indivíduos de uma mesma comunidade de fala sempre foi observada nos diversos modelos teóricos e equacionada de diferentes maneiras. Há, pelo menos, três cenários para o equacionamento da variabilidade linguística e a modelagem teórica do conhecimento linguístico, além da proposta laboviana. Nos modelos estruturalista e gerativista, a variação é considerada, respectivamente, aleatória (ou livre) ou opcional, isto é, embora seja uma possibilidade da gramática homogênea e invariante gerar formas alternativas para o mesmo significado e/ou estrutura, a variação não é prevista pela gramática, isto é, sua ocorrência não pode ser explicada em função do funcionamento da gramática. Nessa perspectiva, a gramática nuclear é invariante e a variação é periférica. No entanto, de acordo com Adger & Trousdale (2007), a aquisição por um indivíduo de uma determinada forma gramatical, seja ela relacionada com a remarcação de um parâmetro ou rerranqueamento de restrições, tomando aqui algumas das proposições formalistas, acontecem no contexto do uso linguístico (que deixa consequências de longo prazo na gramática). Assim, o uso linguístico deve ser considerado muito importante para todas as modelagens teóricas que lidam com a mudança linguística. Consequentemente, a variação linguística precisa ser revista nesses modelos. Segundo ainda Adger & Trousdale (2007:261-262), a construção de modelagens linguísticas sempre tendeu a ser realizada a partir de descrições do inglês padrão, assumindo-se que o padrão é invariável e estável, e que, especialmente, a sintaxe apresenta pouca ou nenhuma variação.

Num segundo cenário, há o tratamento dado à variação no Funcionalismo. Em algumas propostas funcionalistas não há espaço para o equacionamento da variabilidade do uso na concepção de gramática, uma vez que se postula que não existe possibilidade de equivalência de significado para duas formas linguísticas no nível morfossintático, adotando-se, portanto, o princípio da

ausência de sinonímia entre forma e função de Bolinger (1977), segundo a qual a relação entre forma e significado é de um para um. Goldberg (1995) adota essa posição teórica para a gramática de construções. Segundo essa perspectiva, as construções gramaticais não são derivadas de uma estrutura subjacente, são armazenadas como tal, portanto, são instâncias de diferentes representações e, portanto, não são também equivalentes semanticamente, não podem ser consideradas sinônimas.

No entanto, não há unanimidade de posição no quadro funcionalista para a noção de variação. Por exemplo, de acordo com Mithun (2003:553) poucos são os funcionalistas modernos que adotam a posições de correspondência de um-para-um entre forma e significado³

O terceiro cenário sobre a relação entre variabilidade no uso e modelagem teórica do conhecimento linguístico será discutido na seção a seguir. Segundo a proposição dos Modelos baseados no Uso, a variação socialmente estruturada e outros tipos de variabilidade presentes no sinal acústico produzido pelos falantes correspondente à fala precisa ser capturada em uma modelagem de gramática que estabelece um caráter nuclear para a variação na gramática e um status representacional.

4. Variação nos modelos multirrepresentacionais

Os Modelos baseados no Uso ou Modelos Multirrepresentacionais e a Sociolinguística Variacionista têm em comum o fato de procurarem equacionar a relação entre uso e conhecimento abstrato. Diferentemente, no estruturalismo, com o estabelecimento da dicotomia *langue* e *parole* e, depois, no formalismo gerativista, através dos conceitos de competência e desempenho e, posteriormente, língua-I e língua-E, o uso e sua heterogeneidade são considerados irrelevantes para explicar a gramática abstrata. Dados do uso foram considerados problemáticos para o estudo da gramática e coube à proposta de Labov o resgate da importância do uso real como provedor de dados relevantes para o estudo da mudança linguística e, conseqüentemente, para o estudo da gramática. Labov (1971) levanta os principais mitos associados ao uso. Bybee (2006) estabelece a máxima do modelo: “grammar is usage and usage is grammar”. A posição

³ Few modern functionalists would maintain that there is a synchronic, one-to-one correspondence between linguistic form and function (Mithun, 2003:553).

defendida é a de que gramática e uso não se equacionam como uma coisa só, mas que a gramática é a organização cognitiva da experiência do falante com a língua e aspectos dessa experiência têm impacto na representação.

Os Modelos Multirrepresentacionais também propõem o abandono da doutrina do dualismo relativa à discussão em torno de duas perspectivas conhecidas na Linguística como *nature* x *nurture*. Desde que o dualismo foi instaurado, os modelos teóricos têm sido definidos ou em função de uma concepção estritamente biológica e inata da linguagem humana ou enfocando a importância da experiência com o uso. De acordo com a proposta dos Modelos baseados no Uso, a linguagem humana deve ser concebida, ao mesmo tempo, tanto em seu aspecto biológico como também em relação a sua interação com a sociedade. Portanto, pretende-se uma relação dialética entre biológico e social e não uma relação dicotômica.

A discussão entre aspectos biológicos inatos e a relação com o meio ambiente não é problemática e discutível somente na Linguística. Essa relação também é objeto de disputa em outras áreas da ciência. Segundo Ingold (1992), a visão ortodoxa da relação cultura/natureza levanta uma barreira impermeável entre 'mundo interior' dos sujeitos humanos e as condições exteriores da existência, ou, ainda, entre ideia e substância física. Segundo a visão clássica, a ação dos seres humanos sobre a natureza é indireta, mediada por sistemas simbólicos (representações culturais). O autor propõe a substituição do dualismo natureza-cultura por uma relação mútua entre ser e ambiente. Essa proposta requer uma teoria de percepção que seja capaz de mostrar como é possível o ser humano adquirir conhecimento direto do ambiente através das atividades que pratica. Segundo Ingold, também é necessário rediscutir a concepção de ambiente. De acordo com a visão clássica, ambiente é um vasto *container* preenchido de objetos, vivos e não-vivos, móveis e imóveis. Dessa analogia decorre o conceito de nicho, uma pequena parte do mundo ocupada pelo organismo à qual ele se adapta. Além disso, as propriedades essenciais do nicho ecológico são independentemente especificadas e o organismo deve se adaptar a ele. Ingold propõe uma visão alternativa segundo a qual, ao invés de o organismo se encaixar em um determinado ambiente, é o organismo que encaixa o ambiente em si mesmo, atribuindo funções aos objetos que encontra e integrando-os em um sistema coerente.

No que diz respeito à modelagem da variabilidade linguística encontrada no *input*, Pierrehumbert (1999) revê a natureza e a importância das descobertas sobre o conhecimento implícito dos falantes em relação à organização sonora da linguagem a partir de dados experimentais e da análise de grandes amostras. Segundo Pierrehumbert, sabe-se que as línguas diferem em detalhes fonéticos finos e há diversas evidências de estudos psicolinguísticos que mostram que essas diferenças sistemáticas são adquiridas pelos falantes e representam parte do conhecimento implícito.

Por exemplo, o estudo de Flege and Hillenbrand (1986) procurou identificar a percepção de determinadas oposições distintivas do inglês por falantes não-nativos. Em relação à oposição entre /s/ e /z/, como em *peace* (paz) e *peas* (ervilhas), os autores identificaram que os falantes nativos produzem *peas* com vogal mais longa e a fricativa alveolar sonora mais breve que em *peace*. Ainda, observando dados de falantes nativos do francês, que apresenta o mesmo par em oposição distintiva, identificaram essa mesma distribuição, mas com diferenças quantitativas de duração. Nesse caso, a duração das vogais que precedem a fricativa é menor e a diferença temporal é maior entre as fricativas. Na tarefa de reconhecimento de estímulos modificados de /s/ - /z/ foi observado que o efeito da duração da vogal no reconhecimento de /z/ foi maior para os falantes do inglês. Já os falantes nativos do francês utilizaram mais pistas para identificar /z/ e foram mais bem sucedidos. A conclusão é que propriedades acústicas (detalhe fonético) utilizado na percepção.

Evidências dessa natureza indicam que os falantes têm conhecimento do detalhe fonético e que a relação entre os outputs da gramática fonológica e as propriedades físicas do sinal da fala não residem fora do conhecimento fonológico implícito, descrito na fonologia clássica por uma interface universal, independente da língua. Em um outro trabalho, Bradlow (1995) descreve um estudo comparativo das vogais do inglês e do espanhol mostrando que as medidas de formantes de vogais como /i/ e /u/ diferem sistematicamente nas duas línguas, sendo o /i/ do inglês mais alto que o espanhol e o /u/ espanhol sendo mais cardinal que o /u/ inglês. De acordo com Pierrehumbert, o estudo fornece argumentos claros para que essas diferenças não sejam explicadas em função de diferenças de tamanho de trato vocal e que devem, portanto, refletir detalhes adquiridos de pronúncia. A autora argumenta que para explicar o padrão extremamente detalhado, mas extremamente esquemático, que caracteriza a fonética nativa de qualquer língua, é

preciso estabelecer mecanismos que tornem possível adquirir distribuições quantitativas de formas fonéticas. Além disso, para a autora, também há evidências de que relações fonotáticas são generalizações sobre as formas armazenadas no léxico e que são generalizações estocásticas, isto é, probabilísticas e não categóricas. Assim, Pierrehumbert (2003) propõe que a organização sonora das línguas reside em um conjunto de representações de diferentes graus de abstração, constituindo tipos de conhecimento fonológico diferentes, que vão desde a representação fonético-paramétrica das propriedades acústicas e articulatórias dos sons que compõem as formas das palavras abstraídas a partir da experiência de ouvir e produzir dos falantes, até representações de unidades mais abstratas que envolvem relações fonotáticas e morfofonológicas.

Embora a variação seja central aos modelos baseados no uso, não é toda modelagem linguística desenvolvida dentro desta perspectiva que dá conta da variação morfosintática. Uma proposição que procura dar conta da variação na sintaxe é a *Word Grammar* de Hudson (1996, 2010). De acordo com essa proposta, a gramática é uma rede de conhecimento (*network of knowledge*), ligando conceitos sobre as palavras, seus significados, etc. formando uma rede como, por exemplo, a palavra “cachorro” está ligada ao significado relacionado, à forma sonora de representação, à categoria morfológica, etc. Os conceitos são concebidos como prototípicos e não categóricos, sendo todas as características de igual importância. Além disso, postula-se que não há uma fronteira clara entre fatos internos e externos sobre as palavras, assim a gramática deve ser capaz de incorporar fatos sociolinguísticos. A importância dessa abordagem está no fato de que procura incorporar a variabilidade na gramática.

Além disso, ao postular que o conhecimento linguístico apresenta propriedades probabilísticas presentes na representação, no processamento, na mudança, na aquisição e na produção, os Modelos Multirrepresentacionais procuram resolver o dilema relacionado à aquisição linguística na ausência de evidência negativa. Segundo Pierrehumbert (2003), o modelo probabilístico é um modelo que serve para resolução de problemas de tomada de decisão sob incerteza, assim, uma vez que o falante adquire uma língua com base em evidência positiva, considera-se que o *input* possui uma quantidade suficiente de dados para modelagem estatística. Segundo Bod, Hay & Jannedy (2003), a postulação da inferência de estruturas abstratas de base probabilística pode ser um caminho para a solução do problema lógico da ausência de evidência negativa, uma vez que

generalizações baseadas em inferência estatística tornam-se mais robustas. O problema da evidência negativa foi colocado por Gold (1967), ao afirmar que linguagens formais não podem ser adquiridas/aprendidas somente com base em evidência positiva.

A modelagem do conhecimento linguístico dentro desta proposta, no que diz respeito à variabilidade observada no *input*, no entanto, é mais ampla do que aquela inicialmente proposta por Labov. Labov (2006:508) considera que somente a variabilidade relacionada à explicação da mudança linguística e socialmente motivada precisa ser capturada em um modelo de gramática. Para Labov, embora haja muitos aspectos importantes a serem resolvidos e aprofundados pela Linguística relacionados à aquisição, processamento, acesso lexical, por exemplo, essas questões não dizem respeito ao estudo da variação social. Para Labov, somente as questões relacionadas à mudança linguística é que requerem a observação da variação. No entanto, para os Modelos Multirrepresentacionais toda a variabilidade linguística é relevante e parte do conhecimento linguístico e precisa ser capturada juntamente com os aspectos categóricos. Variabilidade tem impacto na aquisição, representação e processamento, além da importância, já demonstrada pela Sociolinguística, para a explicação da mudança linguística.

5. Conclusão

O objetivo desse trabalho foi o de mostrar que o fato empírico de que o *input* é variável sempre mereceu atenção das teorias linguísticas, mesmo quando a posição foi a de atribuir à variabilidade um caráter processual, periférico, imprevisível e aleatório em relação à gramática nuclear. No entanto, nos últimos 50 anos, as diversas contribuições dos estudos sociolinguísticos na explicação da mudança e do funcionamento da linguagem a partir das diversas situações de uso e de características sociais de seus usuários tem servido para mostrar o caráter sistemático da variação com o conseqüente reconhecimento por diversos pesquisadores de outras áreas da Linguística da necessidade de se incluir a variabilidade no âmbito dos modelos que procuram capturar a estrutura linguística (Pierrehumbert, 2003, Johnson, 2006, Munson, Edwards & Beckmann, 2007).

Há diversas questões a serem ainda resolvidas com relação à modelagem da variação. Tanto o caráter processual quanto o caráter representacional devem

ser considerados na modelagem, muito embora as teorias se caracterizem pela adoção de uma ou outra posição.

Com relação à pesquisa sociolinguística produzida no Brasil, há diversos grupos de pesquisa na atualidade. A área de estudo foi introduzida em meados dos anos 70 pelo Professor Anthony Julius Naro, hoje professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde então, diversos grupos se estabeleceram em diversas universidades (UFRJ, UFRGS, USP, UFSC, UFES, UFS, UFPB, UFBA, só para citar algumas). Conforme mencionado na seção 1, no Brasil também o diálogo entre pesquisadores de estruturas linguísticas variáveis e teoria linguística tem sido diversificado, o que aponta para uma riqueza de contribuições, não só pela tentativa de equacionar a variabilidade em diferentes concepções de gramática como também, em alguns casos, em função do fato de que as mesmas variáveis sociolinguísticas são estudadas sob enfoques teóricos distintos. Assim, configura-se um quadro em que o empreendimento sociolinguístico pode trazer contribuições para a questão da natureza do conhecimento linguístico, indo muito além da necessária, porém não definitiva, descrição do funcionamento de uma variedade linguística.

Referências bibliográficas

ADGER, D; Trousdale, G. Variation in English syntax: theoretical implications. **English Language and Linguistics** vol. 11, p. 261-278, 2007.

ANTILLA, A. Deriving variation from grammar. In: HINSKENS, F.; HOUT, R. V.; WETZELS, L. (eds.). **Variation, Change and Phonological Theory**. Amsterdam: John Benjamins, 1997, p. 35-58.

ANTILLA, A. Variation and Phonological Theory. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P., SCHILLING-ESTES, N. **The Handbook of Variation and Change**, Oxford: Blackwell, 2002, p. 333-348.

BISOL, L. O alicamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (org) **Português do sul do Brasil: variação fonológica [recurso eletrônico] – Dados eletrônicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 73-92.

BOD, R.; HAY, J. JANNEDY, S. Introduction. In: BOD, R; HAY, J.; JANNEDY, S. (eds). **Probabilistic Linguistics**. Cambridge /Massachussets, MIT Press, 2003, p.1-10.

BOLINGER, D. **Meaning and Form**. London and New York, Longman, 1977.

BRADLOW, A. R. A comparative acoustic study of English and Spanish vowels. **Journal of the Acoustic Society of America** 97, p. 1916-1924, 1995.

BYBEE, J. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, vol. 82, n. 4, p.529-551, 2006.

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory**, Oxford: Blackwell.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Patterns of English**. Cambridge: MIT Press, 1968.

CAVALCANTE, S. R. O. . Padrões estatísticos do encaixamento da mudança de SE-passivo a SE-indefinido na história do português. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 2, p. 523-544, 2011.

COLLISCHONN, G. A Epêntese Vocálica no Português do Sul do Brasil: análise variacionista e tratamento pela teoria da otimalidade. **Letras de Hoje**, v. 35, n. 1, p. 285-318, 2000.

COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I. O. E. S.; MARTINS, M. A. Estudo diacrônico da inversão sujeito-verbo no português brasileiro: fenômenos correlacionados. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português Brasileiro II - contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EDUFF, p. 137-157, 2008.

DUARTE, M. E. L. **Variação paramétrica e mudança sintática**. Gragoatá (UFF), UFF/RIO DE JANEIRO, v. 9, p. 75-83, 2001.

GOLD, E. M. Language identification in the limit. **Information and control** 10, p. 447-474, 1967.

FLEGE, J.; HILLENBRAND, J. Differential use of temporal cues to the [s-z] contrast by native and non-native speakers of English. **Journal of the Acoustical Society of America**, 79, p. 508-517, 1986.

GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOMES, C. A; GONÇALVES, C. M. Flexão nominal na gramática da criança e na gramática do adulto. **Revista Veredas**, 1, p.122-134, 2010.

GUIMARÃES, D. M. L. O. **Sequências de (Sibilante+Africada Alveopalatal) no Português Falado em Belo Horizonte**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG.

HOCKET, C. F. **A Course in Modern Linguistics**. New York: Macmillan, 1958.

HORA, D. da; PEDROSA, J. L. R. . Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 5, p. 1-16, 2007.

HUDSON, R. **Introduction to Word Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HUDSON, R. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press.

INGOLD, T. Culture and the perception of the environment. Croll, Elizabeth & Parkin, David. **Bush base: forest farm. Culture, environment and development**. London: Routledge, 1992, p.39-56.

JOHNSON, K. Resonance in an exemplar-based lexicon: The emergence of social identity and phonology. **Journal of Phonetics** 34, p. 485-499, 2006.

KROCK, A. Morphosyntactic Variation. **Proceedings of the 30th annual meeting of the Chicago Linguistics Society**, vol 2, p. 180-201, 1994.

LABOV, W. Some principles of linguistic methodology. **Language in Society** 1, p. 97-120, 1971.

LABOV, W. **Language in the Inner City: Studies in Black English Vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. A sociolinguistic perspective on sociophonetic research. **Journal of Phonetics**, vol. 34, n. 4, p. 500-515, 2010.

MELO, M. A. S. L. **Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala: um estudo sobre as fricativas em coda no Rio de Janeiro**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ.

MITHUN, M. Functional Perspectives on Syntactic Changes. In: JOSEPH, Brian D; JANDA, Richard D. (eds). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 552-572.

MUNSON, B; EDWARDS, J.; BECKMANN, M. Phonological Knowledge in Typical and Atypical Speech-Sound Development. **Topics in language Disorders**, 25, n. 3, p. 190-206, 2005.

PIERREHUMBERT, J. Knowledge of variation. **Papers from the Parasession on variation. 30th Meeting of the Chicago Linguistic Society**, Chicago Linguistic Society, Chicago, 25pp, 1999.

PIERREHUMBERT, J. (2003) Probabilistic Phonology: discrimination and robustness. In: BOD, Rens; HAY, Jennifer; JANNEDY, Stefanie (eds). **Probabilistic Linguistics**. Cambridge/Massachusetts, MIT Press, 2003, p. 177-228.

ROBERTS, I.; KATO, M. (org). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SCHERRE, M. M. P. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: OLIVEIRA E SILVA, Gisele M. de; SCHERRE, Maria Marta P. **Padrões Sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 37-50.

TARALLO, F. Por uma sociolinguística românica "paramétrica": fonologia e sintaxe. **Ensaios de Linguística**, vol. 13, p. 51-83, 1987.

WALKER, J. Form, Function, and frequency in phonological variation. **Language Variation and Change**. vol. 24, n. 3, pg. 397-415, 2012.

WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a theory of language change. In: Lehman, Winfred P.; MALKIEL, Yakov. **Directions for historical linguistics: a symposium**, Austin-London, Univesity of Texas press, p.95-199, 1968.

Recebido: 30/11/2012

Aceito: 05/05/2013